

Sementes do Verbo

texto Luís Tomás foto IRIN

A expressão “Sementes do Verbo” pertence de direito ao campo da missiologia. Hoje encontra-se relegada ao silêncio. O seu significado anda adjudicado a outros termos. Mas há neste conceito uma frescura original e uma força de expressão que é irrenunciável.

O termo foi cunhado por São Justino, mártir do II século. Ele mesmo intitulava-se “filósofo cristão”. Entabulou diálogo com a cultura greco-romana envolvente. Filho dessa mesma cultura, notou quanto a ela devia e quanto dela levava para a sua nova posição. Havia nela elementos válidos, ideias que entravam na sua nova visão do mundo como cristão. Perante a verdade revelada pelo Verbo de Deus, considerava os valores da cultura helenística como sementes ou verdades em embrião. Eram pontos de contacto, pontes ou passadeiras (como lhes preferia chamar Clemente de Alexandria), que tornavam viável o diálogo entre o cristianismo e a cultura em que se estava a inserir.

Houve também uma linha de pensadores muito críticos e negativos. Contudo é sabido como foram sobretudo a língua e a filosofia grega que serviram de veículo para a reflexão teológica dos primeiros séculos e para a fixação da doutrina cristã em fórmulas oficialmente ratificadas. Ao mesmo núcleo de

contributos podem juntar-se factores que ajudaram no sucesso da primeira evangelização: a unidade territorial e jurídica do império romano, o seu eficiente sistema de comunicações, a língua comum e o direito vigente.

Substrato cultural

O termo semente exprime uma atitude de fundo, um princípio capaz de moldar a obra missionária. Convenhamos desde já que esse princípio nem sem-

pre foi reconhecido e respeitado. Houve muita missão que praticava o sistema da *tabula rasa*, isto é, ignorava soberana e altivamente a realidade cultural do mundo ao qual ia pregar o Evangelho. O anúncio parecia como caído do céu, desencarnado. Não se fazia referência aos valores da cultura local; nem sequer se cuidava de saber se os havia e quais eram. Sem recorrer aos pontos de contacto existentes na cultura dos destinatários da mensagem, ou ao menos acenar à sua presença, o Evangelho arrisca-se a assumir um carácter de corpo estranho, avulso. A catequese não chega para suprir esta fragilidade de base.

Porta de entrada

O Evangelho aparece no mundo como uma força nova, original, independente. Projecta uma luz que ilumina a realidade e põe a nu os seus valores e desvalores. Nesse sentido age como uma voz crítica soberana e inapelável. E tem uma palavra a dizer sobre todas as culturas.

Mas o Evangelho tem como destinatário o homem e encontra-o sempre dentro de uma cultura que é o seu berço. É a este homem concreto que ele é anunciado. Não há cultura nenhuma que não tenha valores e que não possa ser receptáculo do Evangelho. Toca ao missionário encontrar esses pontos de contacto e de inserção da mensagem que leva.

Há hoje na missiologia uma visão que inspira e exige uma metodologia adequada. Há sobretudo uma nova teologia das religiões, que faz abrir os olhos para os seus valores. Em cada cultura há um pano de fundo que é válido. Sobre ele deve enxertar-se a planta nova do cristianismo. É a tarefa da inculturação. ■

**Em cada cultura
há um pano de fundo
que é válido.
Sobre ele se deve
enxertar a planta nova
do cristianismo**



Cristão ortodoxo em Addis Abeba, Etiópia